

# O INSTINTO DE INDÚSTRIA, A DETERMINAÇÃO DA BELEZA HUMANA E O SENTIDO DA ESPÉCIE

EDUARDO FERRAZ FRANCO - Mestrando em Filosofia pelo Programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG).  
eferrazfranco@hotmail.com

**Resumo:** Ao tratar da determinação da beleza humana nas obras de arte, Schopenhauer apresenta uma analogia entre o conhecimento a priori da beleza humana, e o instinto de indústria nos animais. Em ambos os casos o indivíduo carrega em si a antecipação de uma obra a executar, que só será determinada quando surgir, na experiência, o motivo para sua execução. O filósofo explica que tal analogia se dá pelo fato de que esse conhecimento a priori que o ser humano possui da beleza humana decorre de um instinto que atua como um sentido da espécie no indivíduo. O presente artigo visa percorrer tal analogia, lançando mão do conceito de sentido da espécie para buscarmos compreender os fenômenos do instinto de indústria e da determinação da beleza humana nas obras de arte.

**Palavras-chave:** Instinto de indústria. Beleza humana. Sentido da espécie

**Abstract:** Schopenhauer approaches the human beauty in pieces of art, he presents an analogy between the previous knowledge on human beauty and the industrial instinct in animals. In both cases the individual carries the anticipation of a piece to be done, which will only be determined when the reason for it to be done comes in the experience. The philosopher explains that this analogy happens because human being's previous knowledge on human beauty comes from an instinct that works as a sense of the species in the individual. This article intends discuss such analogy through the concept of the sense of the species to try to understand the phenomenon of the industry instinct and the human beauty in pieces of art

**Keywords:** Industrial Instinct. Human Beauty. Sense Of The Spécie.

## Introdução

**A**o nos apresentar o mundo como Vontade, como o em-si do mundo que nos aparece como representação submetido ao princípio de razão suficiente, como o que o mundo é para além do que temos acesso por intermédio de nosso aparato cognitivo, Arthur Schopenhauer traz a tona a identidade metafísica entre homens e animais. O intelecto, a razão – que por muito tempo conferiu ao homem autoridade para dispor da natureza sem qualquer freio moral, sob o argumento de que com sua inteligência o homem poderia decifrar a ordem racional do mundo e objetivá-la – torna-se, então, mero instrumento para a satisfação da Vontade objetivada no indivíduo, em um mundo sem um fundamento racional.

A Vontade, de acordo com Schopenhauer, é o fundo uno de toda existência, que no mundo como representação aparece como múltipla em diferentes graus de objetivação desde o mundo inorgânico, passando pelo mundo vegetal e chegando a seu ápice no mundo animal com o ser humano, grau máximo de perfeição da objetivação da mesma.

Os seres humanos são, de acordo com o pensamento schopenhaueriano, mais inteligentes que os demais animais, mas esse maior grau de inteligência só gera um ser com mais necessidades e que dispõe de modos mais complexos para satisfazer-se. A variação de graus de inteligência nas diferentes espécies animais só diz respeito ao modo de satisfação do querer, querer este que é o característico de toda existência. Podemos não saber de antemão, por exemplo, como o mundo se apresenta à consciência de um animal, mas sabemos que ele quer. “Sabemos que o animal *quer* e sabemos também o *que quer*; quer sua existência, seu bem estar, sua conservação e sua propagação, e como neste ponto supomos de antemão, sem medo de nos equivocar, que há identidade com o que nos ocorre” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XIX, p. 222).

Conferindo à razão o papel de serva de uma Vontade que quer sem saber, em um organismo que é esta última objetivada, Schopenhauer lança luz a vários processos fisiológicos e psicológicos dos humanos a partir da observação dos animais. Se em essência todos os seres são objetivação de uma Vontade que quer a existência, e a inteligência é apenas um instrumento subordinado para que a Vontade melhor se satisfaça, ao analisarmos o comportamento animal, onde a Vontade atua de forma mais pura, compreendemos alguns processos que também ocorrem em nós humanos. Por outro lado, como só temos acesso à atuação interna da Vontade ao se objetivar em um indivíduo, a partir da nossa consciência interior, a observação de como as coisas acontecem em nós nos auxilia, pela via contrária, a compreender como se dão muitos fenômenos nos animais.

Analogias entre o comportamento humano e animal são frequentes nas obras de Schopenhauer, analogias que não só evidenciam quão parecidas são as manifestações de diferentes fenômenos da natureza, mas que atestam que no essencial todos os seres são objetivação da mesma Vontade, nesse sentido, são idênticos:

Quiçá entre um animal muito inteligente e um homem de curtos alcances não haja diferença muito maior que entre um imbecil e um gênio; por isso, a semelhança que no demais existe entre dois seres tão distintos e que resulta da analogia de suas inclinações e afetos, nos enche de assombro.<sup>1</sup>

O objetivo deste artigo é percorrer com Schopenhauer uma dessas analogias, evidenciando que entre o instinto de indústria presente principalmente nos insetos, e a eleição e determinação da beleza humana nas obras de arte, existe mais que um processo análogo, mas um mesmo instinto de conservação da espécie impulsionando a ação.

## O Instinto de indústria nos animais

Segundo Schopenhauer, prova de que a inteligência é de natureza secundária, é um instrumento para a satisfação de um querer sem fundamento racional, é que a realização de vários processos naturais sem a interferência do mundo como representação, sem a necessidade da coordenação de uma consciência cognitiva, se dá com uma perfeição maior do que com intermédio de uma inteligência. Se a inteligência não exercesse um papel secundário,

a procriação, o desenvolvimento e conservação do organismo, a cura das lesões, as crises saudáveis dos estados patológicos, as obras industriosas dos animais, e, em geral, os produtos do instinto, seria impossível, digo, que tudo isso resultasse infinitamente melhor feito e mais acabado que o que executa a inteligência e mais perfeito que todas as obras e criações conscientes e deliberadas dos homens, que comparadas com aquelas parecem trabalhos de colegial.<sup>2</sup>

Mais que destronar o homem da função de gestor do mundo natural, a constatação de que a inteligência é secundária retira a ilusão de que há uma ordem racional no mundo a reger os fenômenos. O mundo que conhecemos, submetido a leis naturais imutáveis, é o mundo da representação, tal qual aparece em nossa consciência, mediado por nosso aparato cognitivo, as formas *a priori* do conhecimento, que organizam os dados sensíveis em espaço, tempo e sob o princípio da causalidade, portanto não é o mundo tal qual é em si.

<sup>1</sup> SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XIX, p. 223.

<sup>2</sup> SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXI, p. 292.

A ideia de que há uma finalidade para a qual tendem os organismos naturais é uma consequência dessa ilusão. A finalidade do organismo é um resultado do idealismo, só existe para a consciência que conhece e, em última instância, foi criada por ela, “nossa inteligência, ao perceber como objeto e em virtude das formas *a priori*, um ato da Vontade metafísica e indivisível em si, é a que cria a pluralidade e a diversidade das partes e logo se assombra com a concordância e o concurso harmônico que resulta da unidade original daquelas” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXVI, p. 356). O estudo do fenômeno do instinto de indústria presente em alguns animais nos ajuda a elucidar, segundo Schopenhauer, o que acontece na natureza em relação às causas finais, que o filósofo explica como movimentos provocados por meio de “um motivo que opera sem ser conhecido” (SCHOPENHAUER A. MVR II, cap. XXVII, p. 371) e nos dá a impressão de uma ordem racional no mundo e nos organismos. “Tais instintos demonstram claramente que os seres podem trabalhar da maneira mais decidida e ardorosa em prol de um fim que não conhecem e do que não têm representação alguma” (*Idem*). A aranha confeccionando sua teia, ou o pássaro o seu ninho, pelo menos na primeira vez em que executam tal indústria, não conhecem de antemão nem a forma e nem a utilidade de suas obras, o que nos revela como procede a natureza ao criar os seres organizados e como atua a Vontade sem o auxílio do intelecto.

Para Schopenhauer, nos seres animados, que buscam satisfação para suas volições no exterior, num mundo que aparece como representação para um sujeito, a Vontade se põe em ação de dois modos: por motivação, a partir de um estímulo exterior; ou por instinto, por um impulso interno, mas a diferença entre esses dois modos não é tão grande, constituindo-se apenas de uma variação em graus.

Nos dois casos a atividade da Vontade se dá a partir de um impulso interior, do caráter, grau de objetivação da Vontade em cada indivíduo. A motivação externa dá à Vontade uma direção determinada e individualizada em um caso concreto; motiva o caráter – a Vontade objetivada – à ação, “é preciso, então, que esteja ela apta para escolher, colher e também pesquisar os meios para satisfazer essas necessidades surgidas” (SCHOPENHAUER A, F/L, p. 195-6). O instinto é, predominantemente, um impulso interior, mas necessita esperar o surgimento de uma circunstância exterior indispensável para movimentar-se. Identificar tal circunstância é o papel do intelecto nos animais que agem por instinto, “pelo menos, o momento de sua manifestação; tal é para as aves emigrantes a chegada de sua estação; para o pássaro que constrói seu ninho, o término da fecundação e o descobrimento dos materiais desejados” (SCHOPENHAUER A. MVR II, cap. XXVII, p. 372). Nas obras realizadas por animais guiados pelo instinto, que Schopenhauer denomina produtos da arte, o impulso interior instintivo é auxiliado apenas subsidiariamente pela inteligência. O instinto dá a regra, a obra a ser executada, o intelecto auxilia na execução.

A diferença de graus entre uma ação realizada por motivação e uma instintiva está em que, na ação por motivação, diferentes motivos podem provocar o mesmo caráter, gerando ações variadas, o instinto só se ativa por um determinado motivo, resultando em uma ação sempre idêntica. “Poderia, pois, definir-se o instinto como um caráter desmensuradamente pronunciado em uma só direção”

(SCHOPENHAUER A. MVR II, cap. XXVII, p. 372), o que o diferencia, por exemplo, do modo como os vegetais encontram sua satisfação, por mera excitação, sem recorrerem ao mundo como representação, e é suficiente para qualificar as ações instintivas como características dos animais. “Não obstante, na série animal, o poder da faculdade de representação e o desenvolvimento da inteligência apresentam infinitos graus de perfeição, todo animal possui, no entanto, uma quantidade suficiente para consentir que os objetos exteriores ajam sobre eles e provoquem, à guisa de motivo, os seus movimentos” (SCHOPENHAUER, A. F/L, p. 196).

Dessa diferença de graus entre os modos de ação, Schopenhauer conclui que o instinto é o modo de ação predominante nos insetos e a motivação nos animais superiores, principalmente no homem. Os demais animais estão em graus intermediários desses extremos. Isso porque para ser determinado por motivos se faz necessário uma inteligência bastante desenvolvida, característica dos animais superiores, para selecionar os diversos motivos e apresentá-los ao caráter. Para ser determinado pelo instinto é suficiente um grau de inteligência necessário para identificar o motivo único e especial que provoca sua manifestação, por isso só existe onde o conhecimento é bastante limitado, e em alto grau só se mostra naqueles que Schopenhauer chama animais inferiores, principalmente os insetos.

As ações exteriores instintivas não exigem mais que uma motivação simples e reduzida, e a inteligência é o *medium* para identificar tais motivos, mas suas ações exteriores dependem em maior parte do sistema ganglionar, órgão que preside as funções fisiológicas internas e que entra em ação por mera excitação, ou seja, sem o auxílio da inteligência. Uma mostra empírica disso é que nesses animais, cujas ações são presididas primordialmente pelo instinto o sistema ganglionar é mais desenvolvido que em qualquer outro animal: “O tronco nervoso principal se estende por debaixo do abdômen sob a forma de dois cordões que se alargam em cada articulação, formando um gânglio quase tão grosso quanto o cérebro, e segundo Cuvier, estes cordões correspondem, não à medula espinhal dos demais animais, senão ao grão simpático” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXVII, p. 373).

O modo de atuação animal se divide, então, por um antagonismo entre as ações presididas pelo instinto, predominante nos insetos, cujo sistema ganglionar alcança seu maior desenvolvimento; e as ações causadas por motivação externa, predominante nos animais superiores, especialmente os humanos, onde o sistema cerebral alcança o ápice do seu desenvolvimento. Todo organismo animal se encontra entre esses dois extremos.

As industriosas obras instintivas dos animais, principalmente dos insetos, como as colméias e os formigueiros, são, portanto, dirigidas pelo sistema ganglionar, e seria absurdo explicá-las como derivadas do cérebro. Schopenhauer lança luz sobre esse fenômeno em que a Vontade atua de modo tão organizado sem grande auxílio da inteligência, através de uma analogia com o sonambulismo, em que, segundo o filósofo, se apoiando em um estudo de Kieser, a direção das ações exteriores coordenadas pelo sistema cerebral é substituída, temporariamente, no organismo humano afetado, passando este a ser coordenado pelo grão simpático, órgão, segundo Schopenhauer, responsável pelas ações

fisiológicas involuntárias:

Esta origem de sua atividade lhe dá uma grande semelhança com a dos sonâmbulos, que se explica igualmente porque nestes o grão simpático substituiu provisoriamente ao cérebro na direção dos atos exteriores; os insetos são, pois, em certo modo, sonâmbulos naturais. Estas coisas não são suscetíveis de um estudo direto, só podem explicar-se por analogia; a que assinalamos é muito própria para a explicação que buscamos, se recordamos que Kieser, em seu *Tellurismus* (vol. 2, p. 250), refere-se a um caso “em que havendo ordenado o magnetizador à sonâmbula executar certo ato quando despertasse, esta não deixou de executá-lo tão logo esteve desperta, mas sem recordar claramente a ordem recebida”.<sup>3</sup>

A atividade instintiva inconsciente nos ajuda entender a maneira em que a Vontade opera na formação e manutenção dos organismos e na aparência de finalidade a que tendem todos os seres naturais, já que em tal atividade o indivíduo opera em função de um organismo maior que o corpo individual, como no caso de uma colônia de insetos, em que os indivíduos cooperam para o funcionamento do coletivo e o fazem sem a consciência do todo, “quando é preciso, o indivíduo é sacrificado pela saúde da espécie, do mesmo modo que nos deixamos amputar um membro para salvar a vida” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXVII, p. 374-5).

Schopenhauer apresenta uma lista de exemplos de atitudes de insetos que, sem vacilar, se dirigem à morte para manter o funcionamento da coletividade, evidenciando que o que os insetos querem é a manutenção do todo, como um órgão no organismo, e mostra que, sem conhecimento da finalidade do coletivo, trabalham para a existência e preservação da comunidade na qual estão inseridos. Os insetos querem, sem conhecer, o fim em seu conjunto, mas à diferença dos órgãos no organismo, o mundo como representação apresenta os motivos para a ação, “o conhecimento tem já alguma parte, se bem que só participa realmente no trabalho e em certa seleção dos meios, limitando-se a modificações de detalhes para sanar obstáculos e adequar o esforço às circunstâncias” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXVII, p. 375).

Graças a essa participação da inteligência, as ações instintivas não são ações meramente mecânicas, e a evidência disso se obtém quando surge algum obstáculo à realização de um desses produtos da arte, de uma obra do instinto de indústria. “As abelhas constroem sua morada segundo as circunstâncias do momento, mas em caso de destruição de seu trabalho, ou se sobrevêm novas necessidades, modificam a construção segundo aconselham as circunstâncias” (SCHOPENHAUER,

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXVII, p. 374.

A. MVR II, cap. XXVII, p. 375-6).

A capacidade de modificação de suas obras a partir das circunstâncias nos assombra porque sua ordem pressupõe o conhecimento, mas Schopenhauer afirma que há nos insetos a capacidade de previsão e antecipação de um porvir distante, mas esta previsão não se dá por uma atividade da razão, por um conhecimento. Basta-lhes o instinto para modificar suas obras, a inteligência atua apenas de modo subsidiário. “Os animais provêem, em virtude de seu instinto de indústria, a necessidades que todavia não experimentam; e não somente suas, também da futura geração; trabalham, pois, em direção de um fim que não conhecem” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXVII, p. 377).

Compreenderemos melhor como tais animais operam instintivamente e antecipadamente em prol de um fim que não conhecem, e trabalham industriosamente para a manutenção de uma sociedade que não têm consciência; quando considerarmos a analogia com a eleição e a determinação da beleza humana nas obras de arte e a partir daí a manifestação instintiva em nós humanos, nos abrindo a possibilidade da observação interior, onde constataremos a existência do *sentido da espécie*. Mas um simples olhar na anatomia dos insetos nos é suficiente para afirmar que a ação instintiva não provém de um conhecimento, já que seu sistema cerebral não possui grande complexidade, atestando que este último não passa de um dos instrumentos para a atuação da Vontade.

Todas estas antecipações que se manifestam no instinto e na organização do animal, poderiam ser agrupadas sob o conhecimento *a priori*, se realmente se fundassem no conhecimento. Mas não é assim; sua fonte é a Vontade e por isto é independente das formas do conhecimento; para ela, o tempo não tem significação alguma e, portanto, não distingue entre o presente e o futuro.<sup>4</sup>

### **Eleição e determinação da beleza humana nas obras de arte**

As belas artes, de acordo com o pensamento schopenhaueriano, são a expressão do conhecimento intuitivo que o ser humano pode atingir da natureza, quando esta última é considerada de modo desprendido de qualquer interesse, ou seja, quando não observada como um mundo de objetos para a satisfação da Vontade.

Nessa expressão decorrente de uma rara contemplação da natureza, o gênio – indivíduo com um excedente de intelecto que o permite apartar-se, por certos instantes da servidão da Vontade – deixa de ser indivíduo para tornar-se um puro sujeito de conhecimento. O ser humano atinge tal grau de contemplação quando consegue ver nas coisas individuais a sua Ideia platônica, quando as

<sup>4</sup> SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXVII, p. 377.

concebe não mais como coisas individuais em um tempo, ocupando um espaço e atuando no mundo sob o princípio da causalidade; mas contempla-as como objetivação adequada da Vontade, alheias às formas *a priori* do conhecimento. “Esta é a causa de que não podemos conceber a Natureza puramente objetiva das coisas, sua Ideia, mais que quando não temos interesse nessas mesmas coisas, ao estar fora de toda relação com nossa Vontade, razão por que, assim mesmo, descobrimos mais facilmente a Ideia dos seres em uma obra de arte que na realidade” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXX, p. 400).

O ser humano, na filosofia schopenhaueriana, participa do grau mais perfeito de objetivação da Vontade, da Ideia de humanidade, por isso, é o que pode atingir maior grau de beleza. “BELEZA HUMANA é uma expressão objetiva que denota a objetivação mais perfeita da Vontade no grau mais elevado de sua cognoscibilidade, a Ideia de homem em geral, plenamente expressa na forma intuída” (SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 45, p. 296).

Mas a materialização na natureza da Ideia de ser humano em seu grau máximo de perfeição é fenômeno impossível, já que, para se objetivar o indivíduo tem que vencer uma dura guerra pela matéria, que só é obtida pela disputa e assimilação das objetivações da Vontade vencidas, subjugando-as e se apropriando da matéria que a elas pertencia, guerra da qual não se sai ileso, de modo que a Ideia platônica nunca se objetiva de maneira inteiramente adequada no mundo natural. Porém o ser humano conseguiu captar e transformar em belas obras de arte, a exemplo das esculturas gregas, esse Ideal de beleza que só existe de modo imperfeito na natureza.

Segundo Schopenhauer, só por uma antecipação da Ideia de humanidade, por um conhecimento *a priori* da beleza humana que o indivíduo traz consigo, pode o ser humano reconhecer o belo humano na natureza, que nunca aparece por inteiro num indivíduo, e criar obras expressando essa beleza em sua totalidade. Porém é um conhecimento diferente do das formas *a priori* de toda cognoscibilidade, que fornece ao sujeito o mundo sob o princípio de razão, porque diz respeito ao conhecimento do conteúdo mesmo daquilo que é contemplado, não apenas ao modo em que aparece na representação do sujeito do querer: “Ao contrário, aquele outro modo de conhecimento *a priori* que torna possível a exposição do belo diz respeito não à forma dos fenômenos, mas ao seu conteúdo; diz respeito não ao seu COMO, mas ao seu QUÊ” (SCHOPENHAUER, A. § 45, p. 297).

Todo ser humano é capaz de reconhecer a beleza humana caso a veja, e o verdadeiro artista, o gênio, reconhece com tal clareza o belo, que consegue mostrá-lo como nunca se viu na natureza, consegue superar a natureza na exposição da Ideia de ser humano. Isso porque a Ideia que o artista busca determinar e apresentar é, no fundo, ele mesmo. Por participar de tal Ideia o artista é capaz de antecipar o que a natureza se esforçava e, expor, em materializar e, no caso do gênio, torna-se possível complementar tal exposição, materializando a beleza humana em sua perfeição. “Ele imprime no mármore duro a beleza da forma que a natureza malogrou em milhares de tentativas, coloca-a diante dela e lhe branda: ‘Eis o que querias dizer!’. Para em seguida ouvir a concordância do conhecedor: ‘Era

isso mesmo! ” (SCHOPENHAUER, A. MVR I, §45, p. 297).

Mas a Ideia do ser humano possui tal grau de perfeição e complexidade que não é idêntica e a mesma para toda a espécie – modo como aparece nos outros animais, graus imediatamente inferiores de perfeição da objetivação da Vontade. Os seres humanos, além do caráter da espécie possuem também um caráter individual, certa acentuação em algumas características da Ideia humana exclusivas a cada indivíduo. Por isso existem varias belas obras de arte expressando a Ideia humana, cada uma com características próprias. “A Ideia de humanidade é em certa medida sempre apreendida num de seus lados e, em consequência, exposta de maneira diferente em Apolo, Baco, Hércules, Antinus” (SCHOPENHAUER A. MVR I, § 45, p. 301).

Por ser tão complexa a Ideia de humanidade, a antecipação do belo humano não se dá completamente *a priori*. Ao artista é necessário o encontro com os caracteres individuais, apresentados *a posteriori* pela natureza, para daí os complementar, apresentando na obra a beleza humana objetiva, mas de modo individual:

É manifesto que, assim como o gênio só produz as obras de artes plásticas por uma antecipação premonitória do belo, assim também só produz as obras de poesia por uma semelhante antecipação do característico, embora, em ambos os casos, ele precise da experiência como um esquema. Exclusivamente por meio deste o que lhe é *a priori* obscuramente conhecido atinge a plena distinção e assim aparece a possibilidade de exposição com clareza de consciência.<sup>5</sup>

Na necessidade da experiência para a determinação da beleza humana, que em parte é um conhecimento *a priori*, uma antecipação; a presente investigação se conecta com o objeto de nossa investigação anterior, o instinto de indústria nos animais – onde foi dito que tais animais trazem consigo de modo *a priori* a obra a ser executada, mas necessitam identificar a circunstância, o momento de operar, o fazem através da inteligência, recorrendo ao mundo como representação: “Aqui adicionarei que esta antecipação requer sempre o concurso da experiência, que vem a estimulá-la por um procedimento análogo ao do instinto dos animais, o qual, ainda que dirige *a priori* seus atos, necessita nos detalhes ser determinado por motivos” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXXVI, p. 460).

Essa antecipação que todo ser humano possui do Ideal de humanidade é, portanto, vaga, para se tornar um conhecimento de fato, precisa passar por um processo que Schopenhauer compara

<sup>5</sup> SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 45, p. 298.

com a maiêutica socrática, onde a experiência apresenta os motivos para que tal Ideal se torne um claro conhecimento para o artista: “A experiência, a realidade, oferecem ao espírito do artista figuras humanas melhor ou pior acabadas pela natureza, nesta ou em outra de suas partes, e lhe pergunta, por assim dizer, sua opinião, com o que lhe fazem passar, segundo o método socrático, dessa antecipação vaga do ideal, a um conhecimento claro e determinado” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXXVI, p. 460).

Schopenhauer explica o fato de os gregos antigos haverem atingido o ápice na determinação da beleza humana em suas esculturas, produzindo os cânones insuperáveis nesse assunto, pelo fato de que eles tiveram mais oportunidades de comparar o vago Ideal de beleza humana, que todos trazem em incubação, com a experiência, passando cotidianamente pela maiêutica socrática no que diz respeito ao Ideal da humanidade, já que a cultura e o clima de seus povos permitiam a exposição de corpos humanos nus ou seminus:

Os escultores gregos tinham uma grande vantagem, e era que o clima e os costumes de seu país a cada momento lhes ofereciam ocasião de ver figuras humanas meio desnudas e nos ginásios inteiramente desnudas. O gosto artístico que tinham formado acerca da forma, sentia-se provocado, deste modo, a julgar pelo que eles viam e a compará-lo com o Ideal que em sua consciência levavam todavia em incubação.<sup>6</sup>

O filósofo explica esse desenvolvido sentimento de beleza que os gregos possuíam em relação aos seres humanos, que os fez eleger e determinar o tipo normal de sua figura e a criar para sempre os modelos da beleza e da graça pela existência de um instinto que atua com grande força nos seres humanos, o instinto sexual e sua seleção eletiva: “Aquilo que, sem separar-se da Vontade, dá origem ao instinto sexual com seleção eletiva, ou em outros termos, ao amor físico (o qual é sabido, esteve sujeito a estranhos extravios entre os gregos); isso mesmo, separado da Vontade por virtude de uma inteligência excepcional, mas sem perder em nada sua energia, dá origem ao sentimento objetivo da beleza humana” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXXVI, p. 461).

Schopenhauer afirma que o ser humano, apesar de ter atingido o máximo desenvolvimento cerebral possível<sup>7</sup>, ainda conserva um forte instinto: o instinto sexual da seleção eletiva, ou sentido da espécie; cujo estudo interior nos ajudará a compreender o instinto industrial nos animais, bem como a

<sup>6</sup> SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XXXVI, p. 460.

<sup>7</sup> Schopenhauer não admite a possibilidade de uma inteligência mais perfeita que a humana, pois esta, com todas as suas imperfeições, já é suficiente para que o indivíduo se negue a servir a Vontade, provocando o fenômeno do ascetismo, uma inteligência mais perfeita se suprimiria assim que chegasse à compreensão do mundo: “Do dito se desprende que não existe razão alguma para admitir a existência de inteligências mais perfeitas que a do homem, pois vemos que esta basta para fornecer à Vontade aquele conhecimento que a leva a negar-se e anular-se” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLVIII, p. 679).

capacidade de o homem imprimir na matéria a beleza humana com uma perfeição que a natureza não atinge.

## O sentido da espécie

Antes de nos ocuparmos com o conceito de sentido da espécie, convém apresentarmos o que Schopenhauer define por espécie.

A cada grau de objetivação da Vontade, segundo o filósofo, corresponde uma Ideia (platônica) – uma objetivação imediata da Vontade, alheia ao *principium individuationis*, ou seja, não submetida às formas *a priori* do conhecimento e, portanto, independente de espaço, tempo e causalidade, alheia em suma, à multiplicidade. As Ideias, por não estarem submetidas às formas *a priori* do conhecimento, não podem ser conhecidas pelo sujeito do querer, pelo indivíduo; mas apenas o sujeito puro do conhecimento, que mencionamos ao tratar do artista, aquele que se desprende de todo interesse, consegue contemplar tais Ideias. Porém, a Ideia se apresenta ao conhecimento individual temporal, ao sujeito de Vontade, sob a forma da espécie; que pode ser compreendida como a Ideia estendida no espaço e diluída no tempo.

Nesse sentido a espécie é a objetivação mais direta da coisa em si, da Vontade, pois a essência íntima de todo animal, bem como do ser humano, se encontra nela, as raízes da Vontade, do querer incessante do indivíduo, se apóiam na espécie. Por outro lado, a consciência existe apenas para o indivíduo, como um instrumento para satisfazer a Vontade que se objetiva em um sujeito – em um eu que concebe todo o mundo como representação como não-eu, por isso, para a consciência individual o indivíduo aparece apartado da espécie.

Mas a espécie – objetivação espaço-temporal da Ideia – só pode ser encontrada nos “indivíduos sucessivos e similares que se relacionam entre si pelo vínculo da procriação” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLII, p.567). A essência dos seres reside na espécie, a mesma espécie, por sua vez, não existe mais que nos indivíduos. A Vontade chega à consciência de si pelo eu em oposição ao não-eu, só conhece esse estado individual. Porém, segundo Schopenhauer, cada indivíduo abriga no fundo de si o sentimento de que é na espécie que seu ser se objetiva realmente, isso se mostra na seriedade em que se dedica aos interesses da espécie, nas atividades relacionadas à procriação: “as relações sexuais, a procriação e a alimentação da prole, são os cuidados mais importantes e mais caros aos olhos do indivíduo” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLII, p. 566). Daí resultam, segundo o filósofo, o ardor do cio nos animais e a eleição e seleção caprichosa e atenta, no ser humano, do indivíduo com quem buscará a satisfação do instinto sexual.

O animal no cio, ou durante a cópula, desprende um ardor e uma energia que antes não mostrava. E isso não acontece por ele ter consciência de que é um ser passageiro que logo irá morrer

e precisa produzir um novo indivíduo para substituí-lo. O animal não raciocina, mas trabalha para a perpetuação da espécie como se conhecesse os fins de sua ação. O único que o interessa é viver, existir, e expressa essa volição em seu máximo grau no ato gerador, e isso basta para a perpetuação da espécie, já que, para a Vontade, a inteligência, o conhecimento, é apenas uma possibilidade, um modo de satisfazer-se. “Por isto também, a volição não necessita achar-se guiada, em todas as circunstâncias, pela cognição, pois quando aquela se determina por sua própria espontaneidade sabe se objetivar a si mesma no mundo da representação” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLII, p. 568).

No fenômeno da procriação o intelecto não atua mais que subsidiariamente, nesse quesito o ser humano, com seu grau de inteligência, não se diferencia dos demais animais. Apesar de o ser humano ter o perfeito conhecimento da causa final do ato da reprodução, não se serve do conhecimento senão subsidiariamente. A procriação se deriva diretamente da Vontade de que é objetivação, por isso deve ser classificada entre os atos instintivos.

Assim como o instinto de indústria nos insetos, a reprodução humana ocorre em decorrência de um instinto, uma obra da Vontade em que o conhecimento é coadjuvante. Ao considerarmos o modo íntimo em que esse instinto age nos seres humanos, podemos compreender, por analogia, como se dá a antecipação do porvir no instinto de indústria dos animais. A antecipação *a priori* do Ideal de beleza humana, sendo derivada da manifestação desse instinto sexual, também será melhor compreendida, fornecendo um fechamento ao estudo que nos propomos.

Nos seres autoconscientes, nos animais – seres onde a Vontade objetivada é servida por um grau de inteligência que fornece um mundo objetivo de representações para a satisfação do eu, do sujeito do querer – o egoísmo é o maior impulso para as ações. Esse egoísmo é de tal forma arraigado nos indivíduos que seus fins são os únicos em que se pode contar com segurança para o estímulo da atividade de cada sujeito do querer.

Mesmo que a espécie seja a objetivação mais direta da Vontade e, por isso, tenha direitos anteriores e mais preciosos sobre o indivíduo, quanto à ação individual, é a consciência quem apresenta os motivos, e esta está organizada para servir as volições individuais, por isso não aprecia bastante os sacrifícios e esforços necessários para a manutenção da espécie. Neste caso a Natureza conta, para a realização de tais meios, com o artifício de infundir uma ilusão que faça com que o indivíduo considere como seu próprio interesse o trabalho de manutenção da espécie. Desse modo o indivíduo se põe a serviço da espécie crendo operar em seu próprio bem, seus sentidos individuais são, por assim dizer, ofuscados pelo sentido da espécie que alucina o sujeito do querer:

Enquanto esse processo se desenvolve, flutua diante dos olhos do indivíduo e influi sobre ele como um motivo real, uma quimera, que se desvanece logo; quimera que não é outra coisa que o instinto, o qual, na maioria dos casos pode ser considerado

como o sentido da espécie, cuja missão é apresentar à Vontade objetos que convém à espécie. Mas como a Vontade está individualizada no homem ou no animal, tem que aluciná-la para que perceba pelos sentidos do indivíduo o que lhes transmite o sentido da espécie.<sup>8</sup>

O antropocentrismo racionalista difunde a crença de que os seres humanos conservam apenas débeis instintos, como o do recém-nascido que busca o peito da mãe; mas, segundo Schopenhauer, “temos um instinto resoluto, claro e sem complicação alguma: o que nos dirige na eleição, tão séria, perseverante e escrupulosa, que faz o indivíduo para satisfazer as necessidades do sexo” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 598).

A intensidade do gozo físico do ato sexual, necessidade tão imperativamente reivindicada pelo indivíduo, em nada tem a ver com a beleza ou fealdade do parceiro ou parceira com quem é encontrado. Mas mesmo assim os indivíduos tendem a buscar pessoas belas para a satisfação de tal gozo, e o fazem de uma forma tão séria e decidida que nos atesta que esta procura é muito mais que consequência de um gosto subjetivo acessório, como crê o sujeito do querer. É dessa escrupulosa seleção que se comporá a próxima geração de indivíduos da nossa espécie, dela dependem a perfeição da objetivação da Ideia de humanidade na natureza, da qual, enquanto seres humanos, somos partícipes e, por isso, portamos *a priori*.

Modismos, tendências estéticas, políticas ou filosóficas, acidentes físicos, sempre contribuíram e contribuem para degenerar a forma humana sob todos os aspectos, mas seu verdadeiro tipo sempre se retifica, isso porque ele não se baseia em um conhecimento abstrato, em um conceito, mas no sentido da espécie, no sentido de beleza humana, que sempre preside o instinto sexual, independente da inteligência individual. “Em consequência, todo indivíduo elege com preferência e deseja ardentemente os indivíduos mais belos do sexo contrário<sup>9</sup>, isto é, aqueles que ostentam o selo mais pronunciado do caráter da espécie” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 598).

Quando um ser humano se encontra com um indivíduo do sexo oposto cuja beleza corresponde ao seu Ideal uma forte sugestão o alucina, fazendo-o crer que nos braços daquela beldade encontraria a felicidade suprema. Tal sugestão não é mais que o sentido da espécie atestando que naquele exemplar se encontra o selo da espécie distribuído de modo exato. Por isso aspira perpetuá-lo, já que a conservação do tipo da espécie depende dessa seleção e combinação de caracteres. “O norte do indivíduo neste

<sup>8</sup> SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 597.

<sup>9</sup> Mesmo ofuscado pelos preconceitos de época, Schopenhauer oferece um adicional ao capítulo em que trata do amor sexual onde leva em consideração as relações homossexuais. Considerando-as apenas sob o ponto de vista sexual, o filósofo reconhece que tais relações são naturais. Para Schopenhauer esse fenômeno se configura em um artifício da Vontade para distrair o desejo sexual nos períodos em que tal desejo não geraria indivíduos em seu maior vigor – na adolescência, onde a sexualidade não está totalmente desenvolvida, e quando a energia sexual começa a decrescer, encaminhando o indivíduo para a velhice –, porém considera tal prática abominável, quando viciosa (Cf. SCHOPENHAUER, MVR II, cap. XLIV, p. 623-630).

negócio é positivamente um instinto que trabalha no interesse da espécie, enquanto o homem se afigura que persegue a satisfação do supremo gozo individual” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 598).

O cuidadoso procedimento do ser humano em selecionar os meios para melhor determinação da próxima geração da sua espécie é análogo a todo o trabalho instintivo dos insetos na procriação, onde a preservação do indivíduo, tão cara a cada sujeito do querer em outros momentos, é abandonada em prol do fim da espécie:

O cuidado com que o inseto escolhe exclusivamente uma flor, um fruto, uma classe de esterco, um pedaço de carne ou até a larva de outro inseto, como faz o *ichneumon*, para depositar seus ovos, sem retroceder diante de nenhum perigo nem trabalho, é muito semelhante àquele outro cuidado com que o homem elege uma mulher determinada, cuja natureza lhe seja individualmente simpática; e o ardor com que a deseja. Quantas vezes o ímpeto com que persegue seu fim o faz desprezar toda prudência, sacrificar a felicidade de toda a vida, contraindo um matrimônio insensato ou mantendo relações que lhe custam a perda de sua fortuna, de sua honra e até de sua vida!<sup>10</sup>

Observadas do exterior, como fazemos quando apreciamos as admiráveis obras industriosas dos insetos, toda ação instintiva opera em virtude de uma intenção final. Mas na realidade, e a observação íntima da ação instintiva no ser humano nos esclarece, todas essas ações são alheias à sua intenção final. Segundo Schopenhauer a Natureza cria o instinto onde não pode atuar sob a luz da inteligência, e isto acontece em duas situações: “onde o indivíduo chamado a operar não seria capaz de compreender o fim da ação, ou não quererá trabalhar em prol desse fim” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 599).

Vimos que as ações presididas por instintos são os modos de ação característicos dos animais que possuem um menor grau de inteligência, especialmente os insetos. Mas no caso da seleção para a procriação, o ser humano participa igualmente do instinto, porque não encontraria motivos para tão judiciosa escolha da composição da próxima geração se o fizesse à luz da inteligência, “não porque não seja capaz de compreender o fim que se persegue, mas porque não o perseguiria, a não ser assim, com todo o zelo necessário, isto é, a custa de seu próprio bem” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 599).

Mostra de que a seleção eletiva, a busca pela beleza nos assuntos sexuais, não é mais que

<sup>10</sup> SCHOPENHAUER, MVR II, cap. XLIV, p. 598-9.

uma ilusão, um motivo quimérico – que “impulsionando-o [o homem] até uma determinada mulher exclusivamente, o inspira a convicção de que gozá-la seria para ele maior felicidade possível na Terra” (SCHOPENHAUER, 1950, p. 599) – mostra de tal ilusão, segundo Schopenhauer, é que o indivíduo se decepciona com o fim que realmente o guia, e gostaria inclusive de impedi-lo, o que pode ser confirmado pelo fato de o amor ser considerado um assunto tão complicado e que faz tantas pessoas sofrerem.

Satisfeito o desejo sexual, o indivíduo experimenta uma estranha decepção, pois não compreende porque esperava tão grande deleite em tal relação, quando na verdade não encontra um gozo muito maior que qualquer outro, e tudo fica como antes. Isso porque, de tal relação, quem se aproveita é a espécie, que fazendo uso do indivíduo alcança os seus fins. “Consumada a grande empresa que perseguia, todo amante fica defraudado, porque desaparece então a ilusão com que a espécie enganava o indivíduo” (SCHOPENHAUER, MVR II, cap. XLIV, p. 600).

De acordo com Schopenhauer o ser humano possui menos instintos que qualquer outro animal. Isso porque o cérebro se encontra em tal grau de desenvolvimento nessa espécie que a maioria de suas ações são ocasionadas por motivação, pela seleção de motivos no mundo como representação ou no pensamento abstrato, modo especial de lidar com as representações de que os humanos são dotados.

Devido ao alto grau de desenvolvimento cerebral, os instintos nos seres humanos estão expostos a extravios. Por isso apenas na espécie humana podemos verificar fenômenos como a pedofilia, necrofilia ou zoofilia, decorrentes de uma confusão em relação à seleção do motivo adequado ao sentido da espécie. Schopenhauer explica tal fenômeno a partir de outra analogia com o mundo animal: “Fenômeno semelhante observamos em certa mosca, a *musca vomitoria*, que em vez de depositar seus ovos na carne morta, como pede seu instinto, os deposita as vezes no cálice de uma flor, a *Arun dracuncululus*, enganada pelo odor de cadáver que de tal flor se desprende” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 601).

### **Considerações finais**

O estudo do sentido da espécie nos seres humanos nos lança nova luz sobre a analogia entre o instinto de indústria nos animais e a eleição e determinação da beleza humana nas obras de arte. Agora compreendemos que a antecipação que faz o inseto operar em função de um fim que não tem conhecimento, e a antecipação do belo humano que o gênio materializa com uma perfeição não encontrada na natureza, são consequências do sentido da espécie, da ligação de tais seres com suas respectivas Ideias, que se objetivam diretamente no mundo da representação como as espécies em que estão vinculados. Vejamos as consequências dessa investigação para esses fenômenos.

Os insetos são, assim como os humanos, objetivação da Vontade a partir de um eu em oposição

a um mundo de não-eus, mesmo que esta objetivação se diferencie extremamente na complexidade das necessidades e suas satisfações, decorrentes da diferença em graus da quantidade de inteligência que fornece a representação a cada sujeito do querer. Podemos concluir que também esses que Schopenhauer denomina animais inferiores agem em decorrência de um interesse egoísta. O instinto de indústria nos animais também fornece a esses seres a ilusão de que operam em seu próprio interesse quando atuam pelo bem da espécie: “Também estão dominados, sem dúvida alguma, por uma ilusão que lhes põe diante dos olhos seu próprio prêmio, quando trabalham, tão zelosa e abnegadamente pelo bem da espécie; obedecendo a este impulso, constrói a ave o ninho, busca o inseto o lugar conveniente para pôr seus ovos” (SCHOPENHAUER, A. MVR II, cap. XLIV, p. 600).

Apenas através da analogia com o funcionamento íntimo do organismo humano, podemos nos aproximar do processo interior de como a Vontade se põe em movimento em seres iluminados por um baixo grau de inteligência e, por isso, com uma rudimentar capacidade de representar. Em tais seres a Vontade se põe em movimento através da ilusão do instinto. Mas esta analogia está em perfeito acordo com o estudo da manifestação exterior do instinto nos animais, que consideramos mais acima, já que o instinto se manifesta mais veementemente em animais em que o sistema ganglionar, que atua na satisfação inconsciente das necessidades corpóreas, se encontra mais desenvolvido que o cerebral, de onde brota o mundo objetivo da representação, “de onde se pode inferir que tais seres não são movidos por representações objetivas, ou seja, pelas que nos dão a concepção real das coisas, senão por representações subjetivas, de onde nascem os desejos. Por conseguinte, a ilusão é o que os move. Tal é, a meu entender, o processo *fisiológico* do instinto” (*Idem*).

A analogia com a realização dos produtos da arte no instinto de indústria nos animais nos ajudou a compreender como o artista leva à consciência o ideal de beleza que cada ser humano possui *a priori* de modo obscuro como sentido da espécie. Para que o instinto se realize o inseto necessita identificar o motivo, a circunstância para operar, da mesma forma, o artista necessita da experiência para chegar à consciência do Ideal de beleza humana de modo claro, e melhor o fará, quanto mais intenso for o processo da maiêutica socrática, onde o indivíduo compara seu vago ideal de beleza com os exemplares humanos moldados pela natureza.

Porém o sentido da espécie que dota o indivíduo do vago Ideal de beleza humana, assim como a inteligência que o auxilia na seleção e eleição dos exemplares de beleza na experiência, são instrumentos para a satisfação da Vontade, e o que esta quer é existir, se perpetuar, sem qualquer fim mais elevado. Vinculado à Vontade, tal Ideal de beleza acompanhado da experiência da seleção eletiva, só pode gerar novos e belos indivíduos humanos, novas objetivações da Vontade.

O gênio, o verdadeiro artista, dotado de tal grau quantitativo de inteligência que, com seu excedente, consegue se libertar, por instantes do julgo da Vontade e atuar livremente, nos mostra, por seus breves instantes de liberdade, a verdadeira diferença entre seres humanos e animais: a possibilidade de se libertar, de usar a inteligência não para a criação de objetos utilitários, ou para

a modificação da natureza para a satisfação da Vontade, mas de percorrer livremente o mundo e contemplá-lo sem interesse, materializando tal contemplação em obras de arte que são verdadeiros portais para o vislumbre das Ideias platônicas, capazes de nos tirar, nos instantes de sua contemplação, do agitado e doloroso mundo da servidão da Vontade.

Ao invés de fazer uso do Ideal instintivo de beleza humana, proveniente do sentido da espécie, para servir a Vontade gerando um novo sujeito do querer, o indivíduo genial, em seus momentos de inspiração, nos oferece exemplos da Ideia humana considerada objetivamente. “Então, toda pura, se converte em claro espelho do universo, pois separada por inteiro da Vontade, sua fonte primeira, se transforma no mundo mesmo da representação concentrado em uma consciência única” (SCHOPENHAUER, A, MVR II, cap. XXXI, p. 413).

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHOPENHAUER, Arthur. *El mundo como Voluntad y representación, 2º tomo*. Trad. Eduardo Ovejero y Maury. In: SCHOPENHAUER, Arthur. *Obras – La cuádruple raíz del principio de razón suficiente, El mundo como Voluntad e representación e Eudemonología – Tomo II*. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.

\_\_\_\_\_. *O livre arbítrio*. In: *Os maiores clássicos de todos os tempos*. Vol. III. São Paulo: Novo Brasil, 1986.

\_\_\_\_\_. *O mundo como Vontade e como representação, 1º tomo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

